

SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E ABORDAGENS SOCIOANTROPOLÓGICAS NA PRODUÇÃO DE PAÍSES DO HEMISFÉRIO NORTE E BRASIL*

Ana Cristina Delgado
da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL);

Catarina Almeida Tomás
da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx).

RESUMO: Neste artigo, reflete-se sobre a Sociologia da infância mediada por questões socioantropológicas relevantes nas pesquisas da infância e com crianças. Na primeira parte, expõe-se um conciso panorama de alguns países do hemisfério Norte, incluindo suas aproximações e diferentes percursos. Na segunda parte, breves considerações sobre a produção brasileira, seus limites, perspectivas e conceitualizações são apresentadas. Na terceira parte, destacam-se os desafios e caminhos teórico-metodológicos do campo, considerando a impossibilidade de esgotá-los. Para encerrar, são apontadas reflexões emergentes e, de forma sucinta, possibilidades de diálogo com a educação da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da infância. Socioantropologia. Crianças. Infância.

INTRODUÇÃO

No presente artigo,¹ refletimos sobre a Sociologia da infância com foco em abordagens socioantropológicas, sem a pretensão de se esgotar o debate, tendo em vista a pluralidade de correntes, tendências e perspectivas que cercam o campo. Destacamos “o espírito transdisciplinar que reúne os pesquisadores” (DELALANDE, 2009, p. 7-8) dedicados a investigar o ponto de vista das crianças, seus mundos sociais, suas experiências e culturas. Nesse

* Artigo recebido em 23/07/2012 e aprovado em 22/01/2013.

sentido, a análise da literatura nessa área aponta uma multiplicidade de visões e vozes sobre o mundo da infância, o que não é sinônimo de desordem ou caos metodológico, mas, antes, uma última e legítima expressão da própria complexidade e multidimensionalidade do fenômeno a estudar (TOMÁS, 2007).

Nossa opção pelas abordagens socioantropológicas também se explica, porque os sociólogos e antropólogos dedicados aos estudos da infância têm privilegiado as perspectivas pluriculturais e comparativas que colocam em evidência a variabilidade da infância no espaço e no tempo (DANDURAND, HURTUBISE e LE BOURDAIS, 1996). Dessa forma, “não se pode falar de infância sem discutir o papel da criança na sociedade – papel eminentemente variável de uma época a outra e de uma civilização a outra” (GUTCHT, 1997, p. 47).²

O surgimento da Sociologia da infância não ocorreu independentemente dos movimentos políticos e sociais, e o interesse pela infância também se explica pelas preocupações atuais dos adultos frente às transformações contemporâneas que cercam as crianças e a infância (DANIC, DELALANDE e RAYOU, 2006). Na atualidade, presenciamos um cenário de intensas mudanças sociais – que tem atingido, sobremaneira, as crianças mais pobres –, o que alguns autores têm denominado de “crise social da infância”; para nós, emerge como uma crise dos conceitos e valores construídos na modernidade sólida (BAUMAM, 2000) e, hoje, são questionados por suas contradições.

Um exemplo significativo são as teses construídas por Qvortrup a respeito da infância e das suas contradições na atualidade, citadas em várias produções. O autor argumenta que nunca se falou tanto sobre infância em um tempo em que há “um declínio das taxas de natalidade; a infância tem se tornado menos estável devido a variedade das estruturas familiares, assim como está cada vez mais institucionalizada e organizada, e as crianças são mais expostas ao risco de se tornarem relativamente pobres” (QVORTRUP, 2005, p. 84).

No prosseguimento dessas análises, lembramos que, desde o século XIX, assiste-se a uma homogeneização das concepções do que deve ser a infância ideal (ideal ocidental, branco, classe média) e que necessita, em nossa opinião, ser rapidamente combatida e alterada. Em paralelo, outras teses também questionam a existência real da infância e a noção de que a reivindicação do poder para as crianças precipitou a crise das relações de poder no mundo contemporâneo. É importante, ainda, aqui referir que a produção de conhecimento sobre a infância e sobre as crianças também tem sido feita sobre as imagens que temos da infância³ e não com base na

realidade social das crianças; ou seja, há pouco conhecimento dos mundos sociais e culturais das crianças a partir das suas vozes e, portanto, é importante considerar as crianças como sujeitos das pesquisas.

Desse modo, em consonância com o campo da Sociologia da infância, pretendemos apresentar, neste artigo, questões socioantropológicas que consideramos relevantes, fazendo um mapeamento de algumas correntes de pesquisa, seus principais enfoques, limites, desafios e daquilo em que se diferenciam umas das outras. Na primeira parte, expomos uma breve caracterização das produções nos países do hemisfério Norte,⁴ mediadas pelas suas aproximações, perspectivas teóricas e princípios, mas abrangendo igualmente seus diferentes percursos e problemáticas de análise. Consideramos esse diálogo relevante, uma vez que essa literatura tem circulado em Portugal e no Brasil, especialmente a partir dos anos de 1990,⁵ o que tem contribuído para a emergência de estudos e pesquisas em língua portuguesa. Na segunda parte, apresentamos breves considerações sobre a produção com abertura para análises socioantropológicas no Brasil. Na terceira parte, destacamos desafios e caminhos teóricos da Sociologia da Infância, considerando a impossibilidade de esgotá-los, uma vez que, na medida que crescem as pesquisas nesse campo, surgem novas problematizações que reformulam os conceitos anteriores (SHANAHAN, 2007).

Para encerrar, apontamos reflexões emergentes, esperando que a mudança paradigmática em torno da participação ativa das crianças nas pesquisas possa orientar as decisões políticas e educativas que afetam suas vidas. Por considerarmos, ainda, os estudos focados em abordagens socioantropológicas da infância como uma arena de lutas e resistência (MAYALL, 2007), porque defendem a ideia de que as crianças são atores sociais, apresentamos, de forma sucinta, possibilidades de diálogo com a educação da infância.

1. ABORDAGENS SOCIOANTROPOLÓGICAS DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA EM PAÍSES DO HEMISFÉRIO NORTE

Até há pouco mais de duas décadas, o tema da infância era “terra desconhecida do sociólogo”, e eram outras disciplinas, como a Psicologia e a Psicanálise, que se ocupavam desse enfoque. A Sociologia parece ter ignorado ou, pelo menos, “silenciado a presença e o contributo das crianças, enquanto grupo, para o fabrico, material ou simbólico, do tecido social” (ALMEIDA, 2000, p. 11). Com efeito, o conceito de infância esteve durante algum tempo desvinculado do conhecimento dessa mesma realidade na

Sociologia, porque essa ou considerava as crianças no seu ofício de aluno e se centrava no estudo das crianças no contexto escolar, ou as crianças se encontravam diluídas no estudo da família, permanecendo, dessa forma, invisíveis. Portanto, a infância não era considerada como categoria social com especificidades próprias, ou seja, só recentemente a Sociologia começou a olhar para as crianças reconhecendo suas diferenças.

As teorias tradicionais, ao não considerarem as crianças como grupo social, foram, até há poucos anos, incapazes de detectar, analisar, compreender e valorizar a infância enquanto grupo social heterogêneo e complexo, e as crianças como atores sociais. Qvortrup et al. (1994) afirmam que as crianças não só foram ignoradas, como também marginalizadas pela Sociologia. Aponta, para tal, razões que se prendem, por um lado, com a posição de subordinação que as crianças ainda ocupam nas sociedades e, por outro, com as conceitualizações teóricas da infância, sobretudo da Biologia – que a considera um estágio de maturação – e da Psicologia do desenvolvimento – que a considera em uma perspectiva individual, independentemente das suas condições de existência e da socialização vertical (que considera apenas a ação dos adultos sobre as crianças); concepções essas que prevalecem até hoje (TOMÁS, 2007).

No final do século XX, o movimento dos estudiosos da infância desencadeou, na Europa e nos Estados Unidos, uma produção que reconhece a infância como categoria social do tipo geracional e as crianças como atores sociais nos seus mundos de vida, as quais participam das trocas, interações e processos de ajustamentos e, por isso, transformam e perpetuam a sociedade (MOLLO-BOUVIER, 1997; SARMENTO, 2007).

Mayall (2007, p. 84) explica que “após a segunda guerra mundial, o movimento pelos direitos da criança se acelerou, reforçado pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança (CDC, 1989), uma vez que a criança passa a ser considerada como cidadã dotada de capacidade para ser titular de direitos”. Tal movimento instituiu uma pressão, no sentido de reconhecimento do estatuto social e político da criança. A CDC também promoveu um mecanismo de *harmonização* (CORTESÃO e STOER, 2001),⁶ relativamente à concepção de que as crianças têm direitos, e reconstruiu o espaço jurídico de cada país, o que pendeu para uma determinada uniformização. O fato de ser o documento internacional mais ratificado pressupôs todo um conjunto de alterações: nas legislações nacionais, porque as constituições dos países signatários tiveram que ser alteradas para estar em conformidade com a CDC; e, na concepção de infância que passa a ser considerada, pelo menos do ponto de vista teórico e simbólico, como uma categoria social própria e as

crianças como sujeitos de direitos, tendo o Estado a obrigação de protegê-las, não cabendo apenas à família essa função. Essas alterações se repercutiram na investigação científica sobre as crianças e a infância e, especialmente nos anos de 1980, alguns sociólogos se voltaram para a infância, influenciados pelas perspectivas interpretativas e construtivistas⁷ pelos direitos da infância, movimentos sociais de crianças e movimentos feministas. Seguiu-se uma “reconceitualização da socialização considerada não mais como um processo unilateral,⁸ e as publicações se multiplicaram nos países de língua inglesa e língua francesa” (MONTANDON, 1997, p. 132).⁹

Embora haja proximidade entre as perspectivas teóricas e os princípios, nos países de língua inglesa e língua francesa, a Sociologia da infância apresenta percursos diferentes. As controvérsias e embates são inerentes ao campo que expõe “diferenças internas, que podem ser de ênfase, foco, método ou problemáticas selecionadas, como da escola de pensamento sociológico em que se filiam” (SARMENTO, 2007, p. 6).

Mayall (2007) tece observações sobre o desenvolvimento da Sociologia da infância na Inglaterra e constata que, no conjunto dos textos recentes sobre sociologia, os autores não mencionam a existência da Sociologia da infância, pois ainda entendem que a infância pertence ao domínio da psicologia.

Em comunicação oral, essa mesma autora explica que foi através da sociologia médica que as crianças começaram a ser percebidas como atores, pois, nos anos de 1970, os pesquisadores começaram a se interessar pelo estatuto social e moral das crianças nas consultas, inspirados pelas ideias interacionistas (MAYALL, 2009).

Igualmente, “algumas sociólogas feministas desencadearam um debate sobre o estatuto da infância na família, lançando provocações ao patriarcado, ao identificar as crianças e mulheres como trabalhadores e grupo minoritário” (p. 4-5). Cabe referir que os trabalhos anglófonos se apoiam nos *gender studies* e *cultural studies* e que a maior parte das teorias sociológicas tem origens na etnografia e na antropologia e essa produção apresenta uma tradição de estudos empíricos (MAYALL, 2009).

Na discussão sobre o balanço da nova Sociologia da infância nos últimos vinte anos, Mayall distingue três correntes que se entrecruzam: “a sociologia das crianças, a construção social da infância e a sociologia estrutural da infância” (MAYALL, 2007, p. 84). A Sociologia da infância diz respeito à tradição de estudos empíricos, que reconhece as crianças como atores sociais nos centros dos projetos, e essa corrente tem acumulado uma considerável quantidade de pesquisas em nível internacional.¹⁰

Na perspectiva de Mayall, uma parte da produção dos pesquisadores está voltada aos métodos adequados para a escuta das crianças e reflexões sobre sua participação nas pesquisas e as relações éticas. Em algumas dessas produções, as crianças fornecem informações sobre suas vidas, incluindo o trabalho infantil, questões familiares, educativas e sociais, guerras, relações com a lei e com os serviços sociais. Essa escuta atenta das crianças se explica, segundo a autora, pelo crescimento das políticas neoliberais e pelo aumento da miséria social entre as crianças (MAYALL, 2007, 2009).

A construção social da infância focaliza a diversidade da definição da infância no tempo e no espaço e se apoia em trabalhos de historiadores. Tal corrente procura explicar como as concepções de infância estão vinculadas às relações sociais e políticas mais alargadas; e um critério importante são as relações criança-adulto através das gerações, pois se reconhece que crianças e adultos negociam, na atualidade, as definições da infância (MAYALL, 2007, p. 87-88).

Quanto à sociologia estrutural da infância, durante os anos de 1980, iniciou-se um movimento sociológico – desenvolvido por Jens Qvortrup (na Dinamarca), Helmut Wintersberger (na Áustria) e Giovanni Sgrita (na Itália) – que defende a construção de pesquisas macrosociológicas sobre a infância (MAYALL, 2009).¹¹

Para Qvortrup (1999, p. 11), as questões que devem interessar à Sociologia da infância são de que modo as gerações ou grupos de crianças são influenciados por acontecimentos macro-históricos como depressões, guerras e outras transformações sociais em grande escala. No artigo “Macro-análise da infância”, ele retoma a defesa de que “nenhuma criança pode evadir-se ao impacto das forças econômicas ou espaciais, nem às ideologias sobre as crianças, sobre a família, sobre a política e a economia”. Em suma, o objetivo do sociólogo é explorar a variabilidade da infância enquanto macrofenômeno (QVORTRUP, 2005, p. 75-78).

Cabe ainda destacar que, na visão de Sarmiento (2007, p. 5-6), “a Sociologia da infância de expressão anglossaxônica (que inclui investigadores de diversas proveniências que publicam em inglês) é um espaço de trabalho no qual se cruzam sociólogos e cientistas sociais de diferentes origens disciplinares”.

No que diz respeito à Sociologia da infância francesa, essa é marcada pelos estudos sobre a escola e reflexões sobre a problemática da socialização. O movimento na França partiu das ciências da educação, em particular das sociólogas Suzanne Mollo-Bouvier e Régine Sirota (DELALANDE, 2009).¹²

De acordo com Sirota, os sociólogos da educação dedicaram suas investigações ao ofício de aluno. Contudo, a criança acolhida na escola mudou e foi preciso compreender suas lógicas de ação e tomar esses atores a sério, bem como renovar os quadros teóricos e passar dos estudos centrados no ofício de aluno para o ofício de criança (SIROTA, 2006).

A autora aponta o difícil reconhecimento do *cultural studies* no campo sociológico francês que, por um longo tempo, não investigou os objetos da cultura infantil, como os brinquedos ou os álbuns para crianças, os desenhos animados ou séries de TV para jovens, os quais se constituíram como objeto de investigação para raros antropólogos ou sociólogos (2006).

Quanto ao papel dos *gender studies*, essa socióloga avalia que eles continuam clássicos no que se refere à constituição da identidade de gênero, constatando a ausência de estudos sobre a especificidade do novo lugar ocupado pela criança na divisão social do trabalho doméstico, em famílias nas quais pais e mães trabalham (2006).

No contexto francês, tem crescido a pluridisciplinariedade e a abertura para o diálogo com outras áreas.¹³ Essa situação, segundo Sirota, parece se aproximar do campo anglófono e a “orientação etnográfica de um certo número de trabalhos une antropólogos e sociólogos, quer seja ao nível da metodologia, quer seja ao nível das conceitualizações de referência” (SIROTA, 2006, p. 25).

A entrada dos estudos socioantropológicos da infância no Brasil, também, é proporcionada pelas trocas e parcerias com investigadores de outros países. Principalmente a partir de 2000, nossos trabalhos que focalizam questões sócioantropológicas debatem as dimensões políticas e éticas da infância “em crise”. De forma geral, nossa produção aborda as desigualdades sociais e as construções heterogêneas da infância.

São relevantes os intercâmbios criados com o Instituto de Estudos da Criança (atualmente Instituto de Educação) da Universidade do Minho (Braga/Portugal), nomeadamente com o grupo da Sociologia da infância, coordenado por Manuel Jacinto Sarmento, o que tem originado publicações conjuntas entre investigadores brasileiros e portugueses (SARMENTO e CERISARA, 2004).

Com relação ao desenvolvimento da Sociologia da infância em Portugal, Sarmento (2007, p. 7-8) observa que, nos últimos anos, essa tem se desenvolvido com os trabalhos de Almeida (2000), sobre família, infância e maus tratos infantis em Lisboa; com os trabalhos da equipe interdisciplinar do Instituto de Estudos da Criança que abrange: infância e televisão, trabalho infantil, políticas públicas da educação da infância, sociologia da infância,

identidades sociais, crianças de rua, representações e práticas familiares, representações infantis sobre os direitos das crianças e interações das crianças na internet; pesquisas sobre globalização e infância, direitos da criança e metodologias participativas com crianças (SOARES, 2001; TOMÁS e SOARES, 2004; FERNANDES, 2005; TOMÁS, 2007); bem como os trabalhos de levantamento documental e estudos etnográficos de Rocha (1999) e Ferreira (2002), realizados na Universidade do Porto. Cabe ressaltar, que Ferreira (2002) realizou a primeira etnografia com crianças em jardim de infância em Portugal.

Em Portugal, a Sociologia da infância surge do cruzamento de vários campos de saber e perspectivas, das ciências da educação com a sociologia, sobretudo os estudos na área da família, da educação e do direito (TOMÁS, 2000) e das ciências da comunicação (PINTO, 2000; PONTE, 2005).

O Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho surge como o espaço onde se desenvolveu a Sociologia da infância em Portugal, a partir dos trabalhos de Manuel Sarmento e do mestrado em Sociologia da infância (2000/2001). Um outro marco na institucionalização desses estudos em Portugal foi a realização, em 2000, do Congresso Internacional "Os mundos sociais e culturais da infância".

A antropologia da infância viu recentemente (2009) o seu campo desenvolver-se pelo surgimento do Núcleo de Estudos da Infância e Juventude, que surgiu no âmbito das atividades de investigação do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA).

2. UM CAMPO DE ESTUDOS AINDA EM CONSTRUÇÃO NO BRASIL

Não podemos afirmar que no Brasil existe uma consolidação da disciplina Sociologia da infância, como nos demais países do hemisfério Norte. Mas, por outro lado, muitas pesquisas apresentam princípios e questões levantadas por sociólogos da infância. Ainda predomina entre a nossa produção, investigações do campo da educação, da psicologia, seguidas por poucos representantes da sociologia, da antropologia e da história. Boa parte dos levantamentos realizados no Brasil considera dois trabalhos como pioneiros nos estudos da infância. O primeiro deles é o do sociólogo Florestan Fernandes (1961), realizado nos anos 40, sob a denominação *As trocinhas do Bom Retiro*, um destaque na sociologia brasileira, no sentido de reconhecer a criança como um agente de socialização, em um instigante estudo sobre o folclore infantil. O segundo trabalho surge somente nos anos de 1990: a investigação de José de Souza Martins (1993) sobre as "crianças sem infância" no Brasil.

Após esses trabalhos pioneiros, os estudos – focalizados na escuta e no ponto de vista das crianças – emergem somente no início do século XXI. Como observa Quinteiro (2004, p. 140-161), “não só na sociologia, mas no campo das ciências humanas e sociais, em geral, a criança e a infância não têm merecido, por parte dos pesquisadores, ao longo de todo o século XX e início do século XXI, uma atenção mais regular e sistemática”.

Alguns anos antes, Rocha (1999) já havia constatado, em sua tese de doutorado, a predominância da pedagogia e da psicologia nas investigações da infância, em comparação com a sociologia, antropologia e história.

No campo da história, Gouvêa (2003, p. 201) observa que “a criança, como sujeito das práticas escolares, ainda se faz pouco presente na produção historiográfica da educação brasileira”. E Warde (2007, p. 22) – em análise sobre o perfil dos novos trabalhos de história da infância no Brasil – analisa que “a infância no Brasil está circunscrita e sujeita aos discursos institucionais e às práticas familiares, escolares, asilares e às correccionais”.

De forma geral, os estudos da infância revelam limitações nas metodologias utilizadas, porque raramente se fazem a recolha e a análise da informação a partir do ponto de vista e participação das crianças.

Algumas publicações no Brasil, de certa forma, possibilitaram o surgimento de um campo focalizado nas análises socioantropológicas. Citaremos apenas três delas. Em primeiro lugar, o livro *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças* (FARIA; DEMARTINI; PRADO, 2002) que reúne uma coletânea de textos de pesquisadores brasileiros com foco nas vozes e no ponto de vista das crianças nas pesquisas, apresentando importantes questões teórico-metodológicas.

No ano de 2005, a “Coleção Passo a Passo” publicou *Antropologia da criança*, de Clarice Cohn, e a “Revista Educação e Sociedade” lançou o dossiê – *Sociologia da infância: pesquisa com crianças* –; este último agregando textos de sociólogos da infância dos países do hemisfério Norte, a maioria deles franceses. Consideramos essas obras importantes, porque se voltaram para o debate de questões socioantropológicas da infância, problematizando desafios e caminhos nas pesquisas com e sobre crianças. Outras publicações importantes revelam um crescimento das pesquisas da infância e com crianças no Brasil,¹⁴ e seria inviável tratar de todas elas em um artigo.

Certamente, a produção brasileira vem mostrando a ampliação desses estudos a partir de diferentes perspectivas e referenciais, embora ainda em menor proporção na sociologia e antropologia.

3. DESAFIOS E CAMINHOS DOS ESTUDOS SOCIOANTROPOLÓGICOS DA INFÂNCIA

O crescimento de grupos de pesquisa, teses e dissertações, congressos, seminários e publicações sobre a infância e as crianças requer a superação de muitos desafios. Seria impossível esgotá-los, pois na medida mesmo que avançam as investigações, novas problematizações surgem e provocam esse campo ainda em construção.

Primeiramente, identificamos a necessidade de ampliar investigações etnográficas e análises macrossociais que compreendam as experiências e conhecimentos das crianças frente às problemáticas contemporâneas, tais como: direitos das crianças, desigualdade social, guerras, mudanças nas composições familiares, desemprego, imigração, entre outras.

Outro ponto interessante a destacar na compreensão do fenômeno social da infância diz respeito às dicotomias entre as abordagens qualitativas e quantitativas de pesquisa. Ao fazer considerações sobre tais dicotomias, Ambert (1996, p. 17-18) propõe uma diversidade das metodologias empíricas, pois as perspectivas macro e micro são complementares e oportunizam acesso a dados diversificados. Assim, do ponto de vista da autora, se os dados qualitativos aprofundam questões micro, os quantitativos fornecem uma imagem mais global e permitem obter conclusões sobre a interação de diversas variáveis simultaneamente.

A autora (AMBERT, 1996, p. 22-24) ainda defende que a Sociologia da infância necessita de metodologias diversificadas e rigorosas e não pode cair em um isolamento, ignorando as pesquisas de outras disciplinas, como a Psicologia e a Genética. Montandon (2006) também propõe que os psicólogos, por sua trajetória de experiência com as crianças, se constituam como interlocutores nas pesquisas sociológicas.

Nós, também, compreendemos que os resultados de nossas pesquisas devem começar a circular em outros setores da sociedade, para além do campo científico, atingindo familiares e profissionais da infância, como os dedicados às questões dos direitos das crianças, da saúde e da educação. Em suma, será necessário promover uma *ecologia de saberes* (SANTOS, 2003) que promova o diálogo entre conhecimentos diferentes, mas complementares; só assim poderemos nos aproximar de um saber mais profundo dos mundos sociais e culturais da infância. Esse processo não é isento de tensões e conflitos entre as culturas científicas em causa, mas, certamente, necessário.

O campo da socioantropologia da infância apresenta ferramentas metodológicas que possibilitam maior expressão das crianças, entendendo

que suas linguagens não abrangem somente a oralidade ou a escrita. Por isso, consideramos importante o diálogo com as metodologias visuais, incluindo desenhos, fotografias e filmagens, sobretudo com crianças muito pequenas.

No que diz respeito ao desenvolvimento da antropologia visual, Bonnet e Pourchez (2007) explicam que a tomada de consciência do papel da imagem na construção do olhar sobre o outro é presente desde os primórdios da disciplina, e Margaret Mead e Gregory Bateson introduziram o filme etnográfico nos ensinamentos de antropologia, insistindo sobre as possibilidades de análises e comparações oferecidas pelas imagens.

Para encerrar, como investigadores, é importante que adotemos uma postura de reflexividade constante, no sentido de nos perguntar se “fazemos uma boa abordagem dos dados coletados com as crianças, se os compreendemos e os interpretamos bem” (MONTANDON, 2006, p. 48).

4. REFLEXÕES EMERGENTES

Neste artigo não há conclusões, dada à diversidade de enfoques e perspectivas que muitas vezes não coincidem. No entanto, queremos apresentar algumas reflexões, já que nem tudo é inconclusivo.

Ao finalizar este mapeamento com diversos autores e suas proposições, reiteramos que na Sociologia da infância existe uma abertura para a criação de metodologias de investigação construídas com as crianças consideradas como participantes nas pesquisas.

A escuta das crianças e a inclusão das suas diferentes linguagens e pontos de vista nas análises configuram-se como uma importante mudança paradigmática do campo. Esperamos que essa mudança paradigmática (em torno da inclusão e participação ativa das crianças nas pesquisas) possa ter repercussões no que diz respeito às decisões políticas, sociais e educativas que afetam suas vidas.

Frente ao que foi exposto, defendemos que é preciso abrir e construir diálogos com as escolas, professoras/es e demais profissionais da infância, bem como debater conceitos e práticas, evitando banalizações e interpretações reducionistas, simplistas e antropofágicas.

Enfim, compreendemos a Sociologia da infância como um movimento político de resistência (Mayall, 2007), ou seja, um movimento contra-hegemônico que luta pela desocultação da infância e das crianças na produção científica. Esse novo paradigma permite não só essa desocultação, mas também o resultado dos diálogos entre conhecimentos e saberes. Esse processo de interconhecimento não é isento de tensões e desassossegos, porque podemos considerar os fenômenos simbólicos e culturais das crianças

como uma forma de luta política de enfrentamento das relações assimétricas e desiguais de poder que experienciam com os investigadores, com outros adultos e seus pares.

SOCIOLOGY OF CHILDHOOD AND SOCIO-ANTHROPOLOGICAL APPROACHES IN THE PRODUCTION OF COUNTRIES IN THE NORTHERN HEMISPHERE AND IN BRAZIL

ABSTRACT: This paper reflects on the sociology of childhood mediated by socio-anthropological issues relevant to research on childhood and children. The first part is a brief overview of researches in the northern hemisphere, their approaches and different paths. The second part presents some brief remarks on Brazilian production, its limits, perspectives and conceptualizations. The third part highlights the challenges and the theoretical and methodological paths in the field, recognizing their inexhaustibility. Finally, some emerging ideas are highlighted and the possibilities for dialogue on the education of children are succinctly presented.

KEYWORDS: Sociology of childhood. Socio-anthropology. Children. Childhood.

SOCIOLOGÍA DE LA NIÑEZ Y ABORDAJES SOCIO ANTROPOLÓGICOS EN LA PRODUCCIÓN DE LOS PAÍSES DEL HEMISFÉRIO NORTE Y BRASIL

RESUMEN: En este artículo, reflexionamos sobre la sociología de la niñez mediada por aspectos socio antropológicos relevantes en las investigaciones de la niñez y con niños. En la primera parte, se expone un breve panorama de algunos países del hemisferio norte, incluyendo sus aproximaciones y diferentes caminos. En la segunda parte, presentamos breves consideraciones sobre la producción brasileña, sus límites, perspectivas y conceptualizaciones. En la tercera parte, destacamos desafíos y caminos teórico metodológicos de campo, considerando la imposibilidad de agotarlos. Para concluir, señalamos reflexiones emergentes y presentamos de forma resumida posibilidades de diálogo con la educación de la niñez.

PALABRAS-CLAVES: Sociología de la niñez. Socio antropología. Niños. Niñez.

NOTAS

1. Este artigo é uma versão revisada e modificada de estudo já publicado em capítulo de livro. Nesta nova versão, aprofundamos questões não contempladas no texto anterior e excluimos outras problemáticas de análise.
2. Se hoje afirmamos que a infância é construção histórica e social, é porque a história contribuiu com essas análises. Assim, a obra de Ariès (1986), ainda que bastante criticada, continua sendo um marco importante para a desconstrução da infância como categoria natural e universal das sociedades.

3. James, Jenks e Prout (1998, p. 3-34) identificam um conjunto de imagens sociais da infância, dividindo em dois períodos distintos a formação dessas imagens, que não correspondem a categorizações históricas estanques ou em trânsito, mas coexistem e se sobrepõem em diferentes espaços-tempos: *criança pré-sociológica* (crianças consideradas como entidades abstratas) e o da *criança sociológica* (produções contemporâneas resultantes de um juízo interpretativo a partir da análise das ciências sociais). As primeiras têm uma maior espessura histórica e uma maior influência social. As imagens propostas pelos autores como *imagens da criança pré-sociológica* são as seguintes: *a criança má, a criança inocente, a criança imanente, a criança naturalmente desenvolvida* e *a criança inconsciente*.

4. O termo *Norte* é usado não só no sentido geográfico, mas também político-econômico.

5. Como essa literatura é basicamente produzida em língua inglesa ou francesa, o fato de que alguns pesquisadores, em Portugal e no Brasil, circulam em congressos ou estudam em outros países tem contribuído para uma maior divulgação dessa produção em língua portuguesa. Igualmente o Instituto de Estudos da Criança (atualmente Instituto de Educação), localizado na Universidade do Minho em Braga (Portugal), tem compartilhado essas produções com pesquisadores brasileiros em estudos de mestrado, doutorado ou pós-doutorado em Sociologia da infância.

6. A CDC é o primeiro instrumento internacional juridicamente vinculativo que incorpora a gama completa de direitos humanos: direitos civis e políticos, assim como direitos econômicos, sociais e culturais. Ao ratificar a CDC, os governos nacionais comprometeram-se a proteger e assegurar os direitos da criança e aceitaram a responsabilidade, frente à comunidade mundial, pelo cumprimento dessa convenção. A principal consequência do caráter normativo atribuído à CDC foi a de obrigar todos os Estados-partes a adotar uma posição ativa, adaptando a respectiva legislação ao texto da Convenção, no sentido de ratificá-la. O seu caráter de universalidade produziu esse efeito, porque reveste todo o planeta, relativamente à infância, de normas comuns, de valores que têm um estatuto de reconhecimento universal (TOMÁS, 2007).

7. A perspectiva teórica interpretativa e construtivista da sociologia argumenta que as crianças e os adultos, do mesmo modo, são participantes ativos na construção social da infância e na reprodução interpretativa de suas culturas compartilhadas. Negam-se, dessa forma, as teorias sociológicas tradicionais que entendiam a criança como um consumidor da cultura estabelecida pelos adultos.

8. Conforme esclarece Patrick Rayou (1999, p. 2), a noção de socialização foi revisitada com o objetivo de interrogar os paradigmas estrutural-funcionalistas. Os trabalhos sobre as estratégias de resistência das crianças são exemplificadores dos questionamentos acerca da produção das normas pelas crianças, para além da sua interiorização.

9. Trabalhos divulgados nas organizações científicas internacionais: International Sociology Association (USA) e Association International des Sociologues de Langue Française (AISLF) e em três revistas científicas – *Childhood: A global journal of child*

research; Journal of children and poverty; and Childhood and society, inauguradas em 1993, 1995, e 1996, respectivamente. Em 1986, foi lançada a *Sociological studies of child development*, mais tarde alterada para *Sociological studies of children and youth*.

10. *Child-to-Child* é uma organização que desenvolve um trabalho internacional e visa promover a participação das crianças no desenvolvimento comunitário (MAYALL, 2007, p. 86).

11. A autora cita os estudos de Helga Zeiher (2003) sobre as mudanças através das gerações entre as crianças de 1940 e de 1980 e o estudo internacional de Jens Qvortrup e seus colegas em 16 sociedades industrializadas, *Childhood as a social phenomenon* (1987 – 1992), uma pesquisa macro que considera a sociografia da infância, as atividades e a justiça em torno das crianças, a economia e o estatuto legal da infância (MAYALL, 2009).

12. Na França, esses trabalhos se desenvolvem no grupo de trabalho Sociologia da infância da Associação Internacional dos Sociólogos de Língua Francesa (AISLF) que tomou forma oficial em 2000 e tem unido sociólogos, antropólogos, filósofos, psicólogos e historiadores em um espírito de abertura (DELALANDE, 2009, p. 5).

13. Ver, por exemplo, os estudos da etnóloga Suzanne Lallemand e seu interesse pela psicanálise, e os estudos de Laurence Gavarini que aproxima Sociologia e Psicanálise.

14. Trabalhos divulgados no Gt 07 e disponíveis no site www.anped.org.br ou no site www.scielo.br.

REFERÊNCIAS

AMBERT, A. M. Perspectives internationales sur la sociologie des enfances: organisation de la science et paradigmes de recherche. In: DANDURAND, R. B; HURTUBISE, R.; LE BOURDAIS, C. *Enfances: perspectives sociales et pluriculturelles*. Laval: Les Presses de l'Université Laval, 1996.

ALMEIDA, A. A sociologia e a descoberta da infância. Contextos e saberes, *Fórum Sociológico*, 3/4 (IIª série), p. 11-32, 2000.

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BONNET, D.; POURCHEZ, L. *Du soin au rite dans l'enfance*. Paris: Éditions Ères, 2007.

BROUGÈRE, G. & VANDENBROECK, M. (Dir.). *Repenser l'éducation des jeunes enfants*. Bruxelles: Éditions Scientifiques Internationales, 2007.

COHN, C. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORTESÃO, L.; STOER, S. Cartografando a transnacionalização do campo educativo: O caso português. In: SANTOS, B. S. *Globalização, fatalidade ou utopia?*. Porto: Edições Afrontamento, 2001. p. 69-406.

DANDURAND, R. B.; HURTUBISE, R.; LE BOURDAIS, C. *Enfances : perspectives sociales et pluriculturelles*. Laval: Les Presses de l' Université Laval, 1996.

DANIC, I.; DELALANDE, J.; RAYOU, P. *Enqueter auprès d'enfants et de jeunes – Objets, méthodes et terrains de recherche en sciences sociales*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

DELALANDE, J. *Habilitation a diriger des recherches en sciences de l'éducation*. Volume 1 – Note de Synthese: contribution à un champ de recherche socio-anthropologique sur l'enfance. Réflexions sur l'altérité et les spécificités des enfants face aux adultes. France: Caen, 2009 (texte dactylographié).

DELGADO, A. C.; MÜLLER, F. (Org.). Dossiê: Sociologia da infância – Pesquisa com crianças. *Educação e Sociedade*, São Paulo, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005.

FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FERNANDES, F. As "trocinhas" do Bom Retiro. In: *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961.

FERNANDES, N. *Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida – Representações, práticas e poderes*. Tese (Doutorado) – Braga: Instituto de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 2005.

FERREIRA, M. "Aquilo que a gente gosta mais é de brincar com os outros meninos", a criança como ator social e a (re)organização do grupo de pares no cotidiano de um jardim de infância. Tese (Doutorado) – Porto: Universidade do Porto, 2002.

GOUVÊA, M. C. S. *A infantilização da criança pelo adulto x O infantil na experiência de ser criança*. Belo Horizonte: Infância na Ciranda da Educação, 2003. p. 6-12.

GUCHT, D. V. Ritualité et sociabilité enfantine. In: SAADI-MOKRANI, D. *Sociétés et cultures enfantines - Actes du colloque*. Lille: Université Charles de Gaulle, nov. 1997.

JAMES, A., JENKS, C.; PROUT, A. *Theorizing childhood*. Cambridge: Polity Pres, 1998.

MARTINS, J. (Org.). *O massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1993.

MAYALL, B. Sociologies de l'enfance. In: BROUGÈRE, G.; VANDENBROECK, M. (Dir.). *Repenser l' éducation des jeunes enfants*. Bruxelles: Éditions Scientifiques Internationales, 2007.

MAYALL, B. Une histoire de la sociologia de l'enfance de l'Angleterre. *Séminaire Sociologie de l'enfance*, dirigé par Régine Sirota, Paris/Sorbonne: 30 avril 2009.

MOLLO-BOUVIER, S. Les dimensions sociologiques des modes de vie des enfants. In: SAADI-MOKRANI, D. *Sociétés et cultures enfantines - Actes du Colloque*. Lille: Université Charles de Gaulle, nov.1997.

MONTANDON, C. Amitiés et abus ou de la construction du lien social à l'école. In: SAADI-MOKRANI, D. *Sociétés et Cultures enfantines* - Actes du Colloque. Lille: Université Charles de Gaulle, nov. 1997.

MONTANDON, C. De l'étude de la socialisation des enfants à la Sociologie de l'enfance. Nécessité ou ilusion épistémologique? In: SIROTA, R. (Dir.). *Éléments pour une Sociologie de L'enfance*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006. (Collection Le Sens Social).

PINTO, M.. *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

PONTE, C. *Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000)*. Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, 2005.

QUINTEIRO, J. Sobre a emergência de uma sociologia da infância: contribuições para o debate. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, número especial, p.137-162, 2002.

QUINTEIRO, J. O direito à infância na escola: por uma educação contra a barbárie. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A.B. (Org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. 1 ed. Porto: ASA, 2004. p. 163-179.

QVORTRUP, J.; BARDY, M.; SGRITTA, G.; WINTERSBERGER, H. (Ed.). *Childhood matters*. Social theory, practice and politics. Aldershot: Avebury, 1994.

QVORTRUP, J. Childhood in Europe: a new field of social research. In: CHISHOLM, L. et. al. *Growing up in Europe*. Contemporary horizons in childhood and youth studies. Trad. Helena Antunes. New York: Walter Gruyter, 1999. p 7-19. (Digital format)

QVORTRUP, J. Macro-análise da infância. In: CHRISTENSEN, P. & JAMES, A. *Investigação com crianças*. Porto: Perspectivas e Práticas, 2005.

RAYOU, P. *La grande école*. Approche sociologique des compétences enfantines. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

ROCHA, E. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia*. UFSC/CED/NUP, 1999. (Serie tese n. 2).

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. IN: SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. Porto: Edições Afrontamento, 2003. p. 735-775.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes, problemáticas e controvérsias. Portugal: Sociedade e Cultura. *Cadernos do Noroeste*, v. 13, n. 2, p. 145-164, 2000.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: *Relatório de exames e provas de agregação*. Sociologia da infância. Braga: IEC/Univ. do Minho, 2007.

SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Org.). *Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

SHANAHAN, S. Lost and found: the sociological ambivalence toward childhood. *The Annual Review of Sociology*, n. 33, p. 407-28, 2007.

SIROTA, R. Petit objet insolite ou champ constitué, la Sociologie de L'enfance est – elle encore dans les choux. In: SIROTA, R. (Dir.). *Éléments pour une Sociologie de L'enfance*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

SOARES, N. *Outras infâncias: a situação social das crianças atendidas numa Comissão de Protecção de Menores*. Portugal, 2001.

TOMÁS, C. Convenção dos Direitos da Criança: reflexões críticas. *Revista Infância e Juventude*, v. 7, n.4, p. 121-145, 2000.

TOMÁS, C. *Há muitos mundos no mundo...* Direitos das crianças, cosmopolitismo infantil e movimentos sociais de crianças. Diálogos entre crianças de Portugal e do Brasil. Tese (Doutorado), Braga: Universidade do Minho, 2007.

TOMÁS, C.; SOARES, N. Da emergência da participação à necessidade de consolidação da cidadania da infância... os intrincados trilhos da ação, participação e protagonismo social e político das crianças. Portugal: *Revista Fórum Sociológico*, v. 1, n. 12, p. 349-361, 2004.

WARDE, M. J. Repensando os Estudos Sociais de História da Infância no Brasil. Florianópolis, *Perspectiva*, v. 25, n.1, p. 21-39, 2007.

ANA CRISTINA DELGADO: professora da graduação e pós-graduação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas; líder do CIC - Grupo de pesquisa crianças, infâncias e culturas; doutora em Educação na Universidade Federal Fluminense; pós-doutora pela Universidade de Caen - Baixa Normandia, França.
E-mail: anacoll@uol.com.br

CATARINA ALMEIDA TOMÁS: Doutora em Estudos da Criança, área de conhecimento da Sociologia da Infância; docente da Escola Superior de Educação de Lisboa; e investigadora do CICS da Universidade do Minho.
E-mail: catarinatomas@gmail.com
